

Literatura e Direitos Humanos: Questões sobre Alteridade e Identidade

Literature and Human Rights: Questions about Identity and Otherness

Ana Paula Cabrera *
Vera Lúcia Lenz Vianna **

RESUMO: Este artigo propõe um estudo sobre a presença do outro, sua adaptação ou segregação dentro do contexto que o recebe, bem como as relações de poder que se estabelecem a partir deste encontro. Do mesmo modo, desenvolvem-se reflexões relacionadas ao assédio moral e sexual nas relações de trabalho de imigrantes. No contexto da alteridade, a análise focaliza a cotidianidade da protagonista de Susanna Tamaro, e os embates que ela enfrenta, apontando como a construção de sentido, principalmente em um ambiente hostil é marcada pela instabilidade: ora aflorando, ora se dissolvendo.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Sentido. Assédio Moral e Sexual

ABSTRACT: This article proposes a study of the 'Otherness'; the way adaptation or segregation may occur in the context where the outsider is received, as well as the relations of power that emerge as the 'one' and the 'other' come in contact and share the same social space. Some considerations about sexual and moral harassment at work are also of interest here. By focusing on the struggles Susanna Tamaro's protagonist faces in a hostile environment, the analysis displays the unstable nature of meaning and its movement of construction and dissolution.

KEYWORDS: Otherness. Meaning. Moral and sexual harassment

A felicidade criativa na amizade, na ação profissional, na atividade docente, enfim, a felicidade como resultado natural do encontro, possui traços incompatíveis com o orgulho, a vingança, a mágoa, a indiferença... A criatividade, impregnada de humildade saudável de quem recusa a dominar, a manipular, não pode ser usada, e por isso nunca envelhece. Recria-se (GABRIEL PERISSÉ, p. 196, 2004).

* Mestranda em Letras. UFSM- Universidade Federal de Santa Maria- Departamento de Pós Graduação em Letras- PPGL. Santa Maria-RS-Brasil. 97105-900. E-mail: paulacabreraes@gmail.com.

** Doutora em Letras UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul -Departamento de Letras Estrangeiras Modernas-DLEM e Pós-Graduação em Letras. UFSM- Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria-RS-Brasil. 97105-900. E-mail: lenzvl@gmail.com.

1. Introdução

A proposta deste artigo é estabelecer uma análise sobre algumas questões que se desenvolvem no campo da identidade e da alteridade, e as relações de poder que invariavelmente afloram em tais circunstâncias. O conto da escritora italiana Susanna Tamaro – *Salvación* – problematiza a influência que o ‘centro’ exerce na vida cotidiana de uma imigrante. Esta narrativa expõe a importância de reconhecer o limite do nosso entendimento sobre o outro, bem como as consequências deste exercício no âmbito jurídico. Estes são alguns dos aspectos que nos interessam refletir ao longo do conto, uma vez que eles são responsáveis por engendrar e fixar a posição de subalternidade da protagonista. *Salvación* faz parte de uma coletânea de contos intitulado *Fuori*, publicado na Itália em 2002 e traduzido para o espanhol em 2008. Para a análise, utilizamos a tradução em língua espanhola.

A origem epistemológica da palavra Alteridade vem do latim, do prefixo “alter”, significando “outro”. No dicionário, a palavra Alteridade é classificada como: “substantivo feminino que expressa a qualidade ou estado do que é do outro ou do que é diferente”¹.

Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem na sua vertente social tem uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo, o “eu” na sua forma individual, só pode existir através de um contato com o “outro”. Assim, a alteridade implica na capacidade de um indivíduo colocar-se no lugar do “outro”, em uma relação baseada no diálogo e na valorização das diferenças existentes.

2. *Salvación*, presença que perturba

O conto nos apresenta a história de uma imigrante pobre das Filipinas, que chega à Europa e passa a trabalhar na casa de professores de uma universidade em Roma. As configurações de alteridade e identidade da personagem são vistas ao longo da narrativa, sendo moldadas a partir não apenas de suas atitudes e de seu posicionamento, como também através do olhar que o centro lança sobre ela.

Salvación, mulher, estrangeira e humilde, mostra-se despreparada para enfrentar um contexto distinto do seu e pautado por códigos linguísticos e culturais que lhes são inapreensíveis. Sua identidade é confrontada com a sociedade que a acolhe. A tentativa de integrar-se sem perder seus valores e costumes constitui o obstáculo inicial que coloca à prova,

¹ Disponível em: <<http://www.significados.com.br/alteridade/>>. Acesso e 20 de março de 2015.

de um lado, sua habilidade de aproximar-se do centro; de outro, a presença ou a ausência de solidariedade dos indivíduos que a recebem em seu meio.

Através da voz de um narrador onisciente, apenas dois personagens são nomeados ao longo da história: Salvación e o padre Andrea. A história de Salvación é a mesma de muitos imigrantes ilegais que empreendem a difícil travessia em direção a outro país para escapar de sua condição de miséria. O desamparo a que são submetidos, o desprezo que recebem, a ausência de leis que garantam um mínimo de segurança aos seus rostos anônimos, dificultam sua localização e sua familiarização no universo estrangeiro.

Salvación cumpre o destino reservado a tantos estrangeiros. Aprende o trabalho doméstico, as normas de etiqueta, a colocar a mesa, a servir os convidados. Conduzida pela mão atenciosa da “Patroa”, ela serve aos caprichos e às necessidades do casal. Passado o tempo, o patrão começa a investir contra a jovem e a insinuar-se fisicamente. De natureza tímida, a imigrante se sente acuada. Sozinha, sem encontrar solidariedade em seu entorno, longe de casa, torna-se uma presa nas mãos de um homem que, investido de sua posição masculina privilegiada, transforma a vida da imigrante.

Podemos comparar a situação da protagonista do conto com as considerações de Landowski (2002) acerca da tensão que aflora nas relações entre sujeitos pertencentes a ordens diferenciadas. Como explica o sociólogo, um dos fatores que nos coloca em determinados grupos são consequências de construções identitárias, formuladas não apenas pelo modo como nos enxergamos, mas, principalmente, pela forma como o “Outro” nos percebe. Ainda como observa o autor, isto ocorre porque a assimilação de nossa identidade é um dos fatores mais importantes: é a diferença evidenciada no instante em que nos relacionamos com os demais; é na alteridade e por ela que nossa identidade é desenvolvida de forma eletiva. Só o “Outro” é capaz de nos fornecer um “arsenal” de singularidades que formularão nosso sentimento de individualidade. Landowski (2002, p.7), afirma que: “o outro se encontra de imediato desqualificado enquanto sujeito: sua singularidade aparentemente não remete a nenhuma identidade estruturada”.

Esta questão encontra-se representada em vários momentos do conto. Quando Salvación volta de seu primeiro passeio para casa de seus patrões, por exemplo, e o alarme dispara. A síndica do prédio a acusa de ladra. A mulher grita com a personagem, empurra-a bruscamente e declara ser impossível distinguir os imigrantes uns dos outros: uma vez são rostos amarelos, outras, são rostos semelhantes a macacos e, portanto, não tem como conhecer

os bons dos maus. Neste segmento narrativo, observamos o discurso da exclusão e a representação do que poderia ser chamado de mixofobia: sentimento que irrompe no palco urbano e é resultado da presença de indivíduos oriundos de variadas partes do mundo. Para Landowski (2002), este tratamento ofensivo parte de uma atitude passional, motivada pelo desejo de negar o “Outro” enquanto sujeito, para que assim se institua uma sociedade pura e idealizada.

O anseio por uma padronização através da eliminação do outro, corresponde a uma tentativa de homogeneização que caracteriza as sociedades de modo geral. Quando validamos uma única identidade, esta passa a ser tida como referência. Nesse sentido, a identidade destoante de Salvación, representa uma ameaça ao centro. A denegação nem sempre é expressa abertamente: seu efeito, porém, é sempre negativo. Neste caso, observamos que a narrativa revela gradativamente as sensações de desconforto, intimidação e dor imprimidos ao corpo e à mente da imigrante.

Invariavelmente interpretada pela ordem dominante como uma maneira de desestabilizar o que está posto, a heterogeneidade entre as identidades perturba a pretensa uniformidade da instância social e política do centro. A fim de impedir o crescimento e a fixação da pluralidade sempre emergente, a cultura predominante desenvolve uma dinâmica onde a aceitação de novos ‘arrivistas’ só é possível desde que eles alterem seus hábitos, suas ideias e tornem-se semelhantes ao centro. Para Landowski (2002, p.13), o Outro enquanto dessemelhante é uma “não-presença” que nos mantém em suspenso. Ao colocar-nos cara a cara com a nossa identidade, descobrimos que, “no andamento do outro, substituímos a certeza adquirida, estática e solpista, de ser si mesmo”. O sujeito de referência passa a ser o corpo social, um corpo neutro, que designa comumente o lugar de poder: “Eles decidiram... Eles nos tomam por”. Assim, temos uma sensação de incompletude, nos mantemos inacabados, a espera de nós mesmos.

A narrativa de Susanna Tamaro também nos leva a questionar a esperança alimentada por muitos seres humanos de encontrar estabilidade na comunidade europeia, pois na maioria das vezes, isto não passa de uma utopia como a história ilustra. Destituída de liberdade e legitimação para escolher um itinerário de vida, Salvación torna-se um ser expletivo: ameaçado de se transformar em ‘lixo descartável’, como coloca Bauman (2007, p.60), pois seu rosto se liquefaz na multidão. Landowski (2002) ensina que o “Outro” se encontra colocado, quer se trate do significado de seu estatuto, ou até de suas chances de sobrevivência no meio

considerado. O movimento ao qual é submetido pode oscilar perigosamente: no momento simplesmente “segregado” ele corre o risco a todo instante de exclusão.

Fica evidente que não há alternativa humanizadora para a condição de estrangeira que caracteriza a personagem de Tamaro: excluída pela sociedade romana, ela causa uma perturbação. Num mundo onde as relações inter-humanas são transitórias e os sujeitos expostos à desintegração, à tendência ao rótulo e ao abandono, a reconciliação entre presenças diferentes nem sempre é algo viável. Vence o mais forte: aquele que está melhor equipado para medir força com as adversidades de uma sociedade de consumo.

3. A exclusão: de onde vem?

O conto escolhido para a análise abre um leque de questionamentos ao leitor: de onde vem a exclusão? De onde vem a ameaça? Somos induzidos a refletir sobre a prática social que está sendo narrada e os conflitos por ela gerados. A ameaça vem do centro, que se mantém indiferente à criação de laços afetivos entre os de fora e os de dentro, ou ela surge daqueles que pedem acolhida?

A literatura tem se mostrado hábil na tematização destas questões, e através de representações variadas sobre a noção de outridade, somos chamados a repensar nossa posição e percepção frente a estes embates cada vez mais recorrentes no mundo contemporâneo. O anonimato de Salvación vai crescendo ao longo da narrativa, mobilizando nossos sentidos e conduzindo-nos a refletir sobre a figuração do “Outro”. Cada vez mais perto de nós, ‘eles’ solicitam nosso entendimento e uma postura flexível diante da multiplicidade de suas culturas e manifestações de vivências.

O poder de opressão exercido pelo casal de professores que abriga em sua casa a jovem filipina vai se configurando gradativamente. O salário prometido à imigrante não é pago de forma integral, o trabalho doméstico é extenuante, estendendo-se além do limite imposto pela lei e reduzindo os momentos de folga. Salvación sente a animosidade do ambiente, mas não tem capacidade para questionar uma hierarquia, para tentar mapear o mundo, a realidade. Destituída de voz, é um ser sem agenciamento e, como resultado, acaba como um ‘lixo descartável’, sem utilidade para o contexto estrangeiro.

Salvación encontra apenas na memória de sua infância, uma forma de aproximar-se de suas raízes. As lembranças do convento onde havia estudado, o carinho e os conselhos das religiosas e o amor entre os membros de sua família são os fatores que sustentam sua fé num

primeiro momento. Acredita que Deus tem um plano desenhado para ela, mas a insegurança de realizar seu sonho na Europa aumenta no momento em que é agredida em sua integridade física e moral. Estes e outros conflitos que vão surgindo sinalizam a impossibilidade de vencer na Europa, e apontam para o desfecho dramático da história.

A personagem fica à deriva em quase todos os momentos em que entra em contato com o segmento dominante. Mesmo quando está na praia, num ambiente cercado pela natureza, pelas gaivotas e a água do mar, o lixo que vê ao seu redor traduz algo negativo que mantém o leitor em alerta. Da mesma forma, a boneca sem perna que encontra abandonada na praia aumenta a sensação de desarmonia que é a tônica da narrativa.

É interessante chamar a atenção sobre o movimento de conjunção e disjunção em relação ao centro que, segundo Landowski (2002), os diferentes indivíduos percorrem ao longo da vida. O estudioso de Semiótica nos acena com subsídio teórico no sentido de ver a trajetória da personagem como um mergulho vertical e descendente na sociedade em que ela deseja conviver. Não resta à *Salvación* outra alternativa senão resignar-se à posição de subalternidade em que é lançada. Sua história ‘conta’ a história de muitos outros seres como ela: indivíduos que não se encaixam na ‘harmonia’ local e passam a pertencer ao que se denomina ‘classes perigosas’.

4. O abuso do poder - assédio moral

A História documenta os diversos tipos de abuso aos quais os imigrantes estão invariavelmente submetidos; desde o trabalho escravo até o abuso sexual. A questão dos direitos à cidadania perante a justiça, e a consolidação dos mesmos como cidadãos são parcialmente inexistentes, tornando-os escravos de uma cultura de exclusão. Em *Salvación*, observamos várias formas de abuso de poder, de exclusão e submissão às leis paralelas.

É sabido que em 2002, líderes dos países da União Europeia discutiram a imigração ilegal, priorizando um regime mais justo. A imigração ilegal, considerada *tráfico de pessoas*, é uma afronta aos direitos humanos. No conto, *Salvación* obedece um horário para levantar-se, mas só deve se recolher após as tarefas serem cumpridas. Observa-se o grau de intolerância com que é tratada no dia que os patrões recebem visitas. Ao deixar cair uma gota de vinho em um dos convidados, a reação dos amigos e dos patrões é ríspida, rebaixando-a desnecessariamente.

Constatamos um exemplo de denegação em relação ao ‘outro’ que mostra, claramente, a impossibilidade de Salvación manter laços positivos com o segmento dominante que lhe concede entrada, mas que não a acolhe com simpatia. Em todo o texto há sugestões de que Salvación não será tratada “como todo mundo”. A exclusão por vezes sutil, por outras ostensiva, não permite flexibilidade ou solidariedade. Em *Presenças do Outro*, Landowski (2002) lembra que, embora acuado, o “Outro” deve se manter resistente, pois esta característica é fundamental para o desenvolvimento das culturas. Neste caso, porém, dificilmente uma jovem imigrante, pobre, incapaz de administrar os códigos linguísticos e sociais do país, sem empoderamento algum, poderia promover algum tipo de resistência. Os enfrentamentos que surgem deixam-na vulnerável. Mesmo a igreja que costuma frequentar não lhe traz mais conforto. Salvación passa a duvidar dos planos do “Senhor” e do destino que se traça à sua frente.

A natureza das relações de poder é de ordem variada: econômica, política, religiosa, ou qualquer outra que leva um indivíduo a exercer influência direta sobre o outro. No conto, a dona da casa utiliza o poder que lhe é outorgado pelo centro e passa a usar artifícios abusivos em relação ao trabalho de Salvación.

Se formos consultar a legislação brasileira, por exemplo, a ação da professora é um recurso denominado “assédio moral”. O assédio moral no trabalho ocorre quando o trabalhador é exposto a uma situação humilhante e constrangedora, repetitiva e prolongada durante a jornada de trabalho e no exercício de suas funções. Segundo Barreto (2007, p.16), é um dos problemas mais sérios enfrentados pela sociedade atual “ele é fruto de um conjunto de fatores, como a globalização econômica predatória, que vislumbra somente o lucro, e a atual organização de trabalho marcada pela competição agressiva e pela opressão dos trabalhadores através do medo e da ameaça”. Para Dolores e Ferreira (2004, p.41), esta situação corresponde a um fenômeno típico da sociedade atual, constituindo um problema de amplitude global.

Assim, observamos que é necessária a violação da dignidade do profissional para a identificação do assédio moral nas relações de trabalho, ou ainda que exista um clima psicológico que cerca o trabalhador: outro fator determinante para a sua constatação. Para exemplificar, abaixo acórdão do Tribunal Superior do Trabalho relata que:

“A moral, portanto, é um atributo da personalidade. O dano moral, em consequência, é aquele que afeta a própria personalidade humana”. (DECISÃO: 05.11.2003 PROC. RR NUM: 577297 ANO:1999 REGIÃO 18 ORGÃO JULGADOR- PRIMEIRA TURMA FONTE DJ DATA 21.112003 REL.JUIZ CONVOCADO ALOYSIO CORREIA DA VEIGA).

Neste sentido, podemos dizer que Salvación sofre um dano moral decorrente da ofensa do direito ‘personalíssimo da vítima’. Este tipo de abuso torna seu deslocamento geográfico e social mais doloroso e menos viável. A melancolia pela terra natal aumenta, e seu desejo de retornar para casa é inevitável.

5. O abuso de poder - assédio sexual\ estupro

Salvación sofre não apenas abuso de natureza econômica, étnica, mas uma ofensa ainda mais grave e cruel: o assédio sexual do homem culto, daquele que representa a democracia e os bons costumes de um país de primeiro mundo. A palavra ‘estupro’, deriva do latim *stuprum*, e era, primitivamente, tomado em sentido genérico para distinguir toda espécie de *trato carnal criminoso ou comércio carnal ilegítimo, com mulher honesta*. Considerado como crime contra os costumes e contra a ordem social, não diferia entre o *voluntário* ou *violento*, embora diversa fosse a sanção penal para os dois casos.

No sentido atual, o *estupro* importa sempre na conjunção carnal ilícita, entre homem e mulher, pela força e contra a vontade desta. “(...) A *violência* pode ser *física* ou *moral*. Tanto basta que se mostre eficiente para criar um *constrangimento irresistível*, em face do qual a mulher cede aos desejos lúbricos do *violentador*, não por sua livre vontade, mas constrangida” (PLÁCIDO E SILVA, 1989, p.222).

A definição da OIT- Organização Internacional do Trabalho declara:

assédio sexual como atos, insinuações, contatos físicos forçados, convites impertinentes, desde que apresentem uma das características a seguir: Ser uma condição clara para manter o emprego, influir nas promoções da carreira do assediado; prejudicar o rendimento profissional, humilhar, insultar a vítima; ameaçar e fazer com que as vítimas cedam por medo de denunciar o abuso; e oferta de crescimento de vários tipos..²

No assédio sexual, o ofensor acredita que suas atitudes e condutas não são condenáveis uma vez que ele as considera normais. Para entendermos a situação da protagonista do conto em relação à agressão sofrida, podemos lançar mão da doutrina jurídica onde Damian e Oliveira relatam suas principais características: “abordagem com propostas de conotação sexual;

² Disponível em: < <http://trt-10.jusbrasil.com.br/noticias/100607355/conceito-de-assedio-sexual-e-mais-amplona-justica-trabalhista>>. Acesso em: 21março de 2015.

confidência de assuntos íntimos e embaraçosos sem que haja incentivo; (...)” explica que, o assédio sexual tem como causa a existência de uma intenção pura e simples de alcançar um relacionamento carnal, dominando o assediado que, por diferença circunstancial, é o mais fraco. (DAMIAN e OLIVEIRA, 1999, p.11). O “Patrão” ao exercitar sua prerrogativa de homem viril e dominante, interrogando a imigrante sobre assuntos íntimos causadores de constrangimento, assedia a protagonista até cometer o ato mais vil e cruel: o estupro. A legislação evolui e reescreve suas leis para proteger não só as mulheres que ainda são as maiores vítimas desse crime, mas também os homens. Hoje, ainda se discute muito este tópico, mas em geral, a forma de pensar dos indivíduos continua marcada por um grau de preconceito.

A libidus dominandi masculina continua causando dor, violência e medo. A agressão contra Salvación conduz tanto a uma afirmação, como a um questionamento. Primeiro, parece-nos razoável afirmar que, em sentido geral, a mulher continua com sua liberdade sexual vigiada; por extensão, refletir até que ponto o corpo feminino realmente pertence à mulher continua sendo uma indagação pertinente em nosso século.

6. Que corpo é esse?

Na concepção do corpo através do imaginário feminino, Salvación é um tipo específico de corpo, marcado pelo sexo, pela raça, pela classe social e, portanto, dotado de certas particularidades. Elizabeth Grosz em seu estudo “Corpos Reconfigurados” (apud XAVIER, 2007, p.22-23), oferece reflexões pertinentes para se pensar o corpo:

Se a mente está necessariamente vinculada ao corpo, talvez até sendo parte dele, e se os corpos eles próprios são sempre sexualmente (e racialmente) distintos, incapazes de serem incorporados num modelo universal singular, então as próprias formas assumidas pela subjetividade não são generalizáveis. Os corpos irredutivelmente sexualmente específicos, necessariamente entrelaçados a particularidades raciais, culturais e de classe. (2007, p. 23, 24).

Em discussões de cunho sociológico, antropológico, feminista, entre outras, vemos na configuração do corpo da imigrante, o “corpo subalterno”: denominação de Elódia Xavier (2007). Carente de empoderamento, a protagonista da narrativa estudada acaba trabalhando em troca de comida e um lugar para dormir. Ela trabalha na busca inútil de ascensão material para a sua família. Ao ser abusada sexualmente, ela sente seu corpo sujo, uma sujeira que se impregna e a degrada e que, em última análise, representa a ‘sujeira’ da própria sociedade. O

retrato construído da jovem estrangeira, a miséria, a falta de instrução, a degradação do espaço em que vive configuram-se como outras formas de violência. Salvación incorpora o *silêncio subalterno*, encontrando-se duplamente oprimida e solitária.

Na descrição que Elódia Xavier apresenta sobre as várias configurações que o corpo da mulher pode assumir, as marcas da subalternidade são objeto de análise e representam uma escala social hierárquica, onde o subalterno ocupa ínfimo espaço. Nota-se que o “Patrão” e a “Patroa”, sempre grafados com letras maiúsculas, podem significar uma abstração da visão real sobre a situação da protagonista, que apenas desaparece mediante sua morte. Em oposição ao descaso do casal, Salvación procura guardar valores cristãos que lhes haviam ensinado em sua terra natal, participar de missa, orar e falar com Deus; no entanto, o sistema não lhe permite preservar sua dignidade e sua tradição. A dicotomia – imigrante versus casal de italianos - constitui uma tensão permanente e sinaliza presenças em completa disjunção. As negociações entre *nós* e *eles* dependem da boa vontade dos dois lados em resolverem a situação de forma harmoniosa.

Aqui, este movimento dialético não acontece e a emergência de sentido e diálogo entre as partes fracassa. O direito humano de ser diferente esbarra na condição de dominância de uma cultura que, na narrativa, poderia ser qualquer uma, pois a História tem revelado a complexa dinâmica das travessias geográficas e sociais entre os indivíduos que pedem acolhida em outro país, e os indivíduos que se sentem ‘donos’ de seus espaços e soberanos para decidir o tipo de recepção que darão aos arrivistas.

7. Conclusão

Passando por diversas situações humilhantes, preconceituosas, que interferem em seu curto aprendizado num espaço desconhecido, a protagonista perde qualquer capacidade de autonomia, de colocar-se de forma mais impositiva no espaço provisório que ocupa. Seu direito de existir e sua liberdade de reivindicar de forma respeitosa um vínculo com o circuito dominante são antagonizados pelo grupo que a recebe. A ausência de reconhecimento do contexto em relação a sua pessoa traz consequências irreparáveis à vida de Salvación. Não há interesse e nem compromisso em promover uma dinâmica social e ética capaz de criar mecanismos menos hostis que possam aceitar a presença da diversidade. No olhar dos outros, Salvación é uma presença que incomoda, uma vez que ela não exerce as mesmas práticas sociais e discursivas do contexto europeu. A comunicação recíproca que é um vetor essencial para a

mediação do conhecimento e da compreensão entre presenças diferenciadas não é desenvolvida, e a jovem perde o direito básico de ser diferente, de ser reconhecida e aceita diante de sua alteridade.

A dominância de uma cultura sobre a outra é uma prática que sempre esteve presente no desenvolvimento civilizatório. A atualidade tem revelado o lado desumano deste conflito que continua a espera de uma solução. Discorrendo sobre esta questão, Bauman nos faz perceber a fragilidade da liberdade, da segurança e do medo. Para ele, este embate apresenta um caráter irrevogável, e é “consequência direta, embora imprevista, da decomposição do Estado Social” (2007, p.70). Ao observar que a exclusão “tende hoje a ser uma rua de mão única”, o sociólogo polonês traça a seguinte consideração:

Se os direitos sociais não forem garantidos, os pobres e indolentes não poderão exercer os direitos políticos que formalmente possuem. Assim, eles terão apenas as garantias que o governo julgue conceder-lhes, e que sejam aceitáveis para aqueles dotados da verdadeira musculatura política para ganhar e se manter no poder (BAUMAN, 2007, p.74-75).

Nos dias em que tem permissão para sair, a protagonista procura encontrar-se com outras pessoas que compartilham da mesma situação. Nestas ocasiões, observamos que sua sensação de solidão e deslocamento são minimizados ao lado de outros estrangeiros. O estranhamento que usualmente ela provoca não ocorre, e ela consegue sentir-se parte de um grupo, mas as arbitrariedades a que está sujeita, e a ausência da sensação de pertença, reforçam os laços com seu país e aumentam seu desejo de voltar as suas origens. A igreja é um dos poucos lugares que lhe proporciona a sensação de bem estar, passando a ser um ponto de identificação, de referência mesmo que transitório.

Os diferentes modos de segregação podem ocorrer tanto de forma sutil, como desumana, onde as delimitações aos diferentes são estabelecidas pelas leis ou costumes de um povo. Para Landowski (2002, p.17-18), esses modos se “manifestam em profundidade, aquela mesma ambivalência que tentamos caracterizar como impossibilidade de assimilar e, portanto de tratar o “Outro” realmente ‘como todo mundo”. O teórico argumenta que mesmo excluído, o Outro deve se manter resistente, pois é fundamental para o desenvolvimento e preservação das diversas culturas. No intercâmbio cultural, os que pertencem à classe dominante também não devem realizar uma assimilação passiva das diferenças do outro. Grupos diferentes ao aceitarem-se sem nenhuma resistência tendem a homogeneizarem-se. A consequência dessa

relação de opostos seria a assimilação cultural que nem sempre é a melhor resposta. A prática da ética, do reconhecimento da potencialidade criativa de todos os seres, seria uma alternativa para conflitos onde a coexistência de diferentes presenças emerge.

Isto não significa dizer que ao pedirem acesso a outros espaços, os indivíduos podem negligenciar a autoridade e os padrões de conduta incorporados pelas diferentes comunidades para as quais se dirigem. Qualquer reivindicação deve ser realizada com respeito e obediência às leis do lugar em que nos encontramos.

A leitura do conto nos permite observar o entrelaçamento entre estética e ética. É a literatura funcionando como uma ‘âncora em tempos onde os valores estão confusos’, como coloca Antonio Candido em uma entrevista ao jornal Estado de São Paulo (22/08/1998, D 4). O escritor reafirma o papel ético da literatura ao dizer:

Por que ensinar literatura? Graças à visão integrativa dos dois aspectos, código mais mensagem, tem-se a maior consciência do papel formativo da literatura. Os valores seriam passados aos leitores não apenas pela mensagem, mas também pelo código, por meio do qual a mensagem se expressa. A literatura atuaria como organizadora da mente e do espírito e como refinadora da sensibilidade, sobretudo em nível subconsciente [...] a literatura pode funcionar como uma âncora³.

O dia “de horror” que Landowski (2008) visualiza, seria o dia em que o indivíduo que tem o poder nas mãos, já cansado de ter que se reconhecer na imagem odiada do indivíduo destituído de voz, irremediavelmente será levado “a desencadear sobre ele sua fúria destrutiva”. De certa forma, a natureza dos conflitos expostos na narrativa de Tamaro estão relacionados ao pensamento landowskiano.

Em sua função social, o cenário literário nos conduz à reflexão de que para assegurar ao homem sua humanidade, celebrar sua vida e preservar sua dignidade, é necessário aproximar o sentido e a letra do outro, ao nosso sentido e a nossa letra. A visão que Perissé (2004, p.250) abraça em relação a esta problemática, também aponta a pertinência de uma ação política ética, que contribuiria para repensar nosso comportamento, e “atuar criativamente, generosamente, fundando novos espaços de intervenção na vida social”. No conto analisado, o sistema permanece indiferente ao fato de que Salvación faz parte do *gênero humano*, e não há tempo para que ela estabeleça um entendimento mesmo que parcial e limitado com o centro. A morte

³ CANDIDO, Antonio. Entrevista ao Estado de São Paulo (22/08/1998, D 4).

vai ao seu encontro de maneira dramática, sem aviso. Vestígios no mar aparecem na forma de um círculo de sangue que a água traga rapidamente. Sem testemunha, sem registro ou alarde, Salvación desaparece num relance. O encontro entre margem e centro, problematizado no conto de Tamaro, apresenta resultados negativos - violência, insegurança e uma vida desperdiçada.

Referências Bibliográficas

BARRETO, M. A. A. **Assédio Moral no Trabalho**. São Paulo: LTR, 2007.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CANDIDO, A. entrevista ao Estado de São Paulo (22/08/1998, D 4). In: **Parâmetros Curriculares e Literatura** – as personagens de que os alunos gostam. São Paulo: Contexto, 1999.

DAMIAN, S A.S & OLIVEIRA. **Assédio Sexual, Doutrina Jurisprudência e Prática**. São Paulo: Edijur, 1999.

DOLORES, H.; FERREIRA, B. **Assédio Moral nas relações de Trabalho**. Campinas: Russell, 2004.

GROZ, E. **Corpos Reconfigurados**. In: Cadernos Pagu (14). Campinas: UNICAMP, 2000.

LANDOWSKI, E. **Presenças do Outro**. São Paulo: Perspectiva, Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros, 2002.

PERISSÉ, G. **Filosofia, Literatura e Ética: Uma proposta pedagógica**. Barueri: Manole, 2004.

PUCCINELLI, E. O. **As formas do Silêncio- no Movimento dos Sentidos**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PLÁCIDO E SILVA. **Vocabulário Jurídico- Volumes I e II**- Rio de Janeiro: Forense, 1989.

TAMARO, S. **Fuera**. Buenos Aires, Argentina: Seix Barral, 2008. Tradução:Guadalupe Ramírez.

VIANNA, V. L. L.; MACIEL, A. Questões de Alteridade e Formas de Silenciamento. In: **Mediações do fazer Literário: texto, cultura e sociedade**. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2009.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

Publicação On-line- INTERNET:

Artigo 216.Código Penal. Decreto Lei-284840. **Jus Brasil**, 2014.

Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611615/artigo-216-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 22.03.2014.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Definição Abuso de Poder**. Jus Brasil, 2015.

Disponível em: <http://trt-10.jusbrasil.com.br/noticias/100607355/conceito-de-assedio-sexual-e-mais-amplo-na-justica-trabalhista>. Acesso em: 21 março de 2015.

SIGNIFICADOS, Conceitos e Definições. **Significado de Alteridade**.

Disponível em: <http://www.significados.com.br/alteridade/>. Acesso em: 20 de março de 2015.

WADY, Ariane F. **Diferença do Abuso de Poder e Abuso de Autoridade**. Jus Brasil, 2014.

Disponível em: <http://www.lfg.jusbrasil.com.br/noticias/20923>. Acesso em 22.03.2014.

Artigo recebido em: 04.02.2015

Artigo aceito em: 14.06.2015